

## **PNAD 2012 indica decréscimo no analfabetismo rural em Alagoas**

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2012, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de analfabetismo no Brasil apresentou uma estagnação, quebrando uma tendência histórica de queda. A taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos oscilou de (8,6%) para (8,7%) Por ser uma pesquisa amostral, a variação de 0,1 pontos percentual não significa necessariamente que o analfabetismo aumentou, e sim que se manteve estatisticamente estável, ainda que em ritmo lento.

Em relação às taxas de analfabetismo apresentadas na Pnad 2012, observa-se que a média brasileira aumentou no meio urbano (0,95%), e reduziu no meio rural (-0,22%), quando comparada com a pesquisa do ano anterior.

A região Nordeste, em 2012 registrou taxa de analfabetismo de (17,4%) entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade, com uma variação de 0,5 pontos percentuais acima da taxa de 2011, que foi de (16,9%). O Nordeste concentra mais da metade (54%) do total de analfabetos de 15 anos ou mais de idade no Brasil, um contingente que soma 7,1 milhões de pessoas.

O analfabetismo urbano aumentou em (4,70%) e rural teve um pequeno declínio de (-0,02%) na região nordestina. Dentre os Estados com as maiores taxas, destaca-se Alagoas no meio urbano e Pernambuco na zona Rural. Já no tocante aos Estados que mais se esforçaram na diminuição das taxas de analfabetismo, destaca-se Rio Grande do Norte que diminuiu 3,63%, as taxas de analfabetismo na zona urbana e o Ceará, com 9,24% de decréscimo no rural.

Já em Alagoas, a maior taxa de analfabetismo urbano (4,22%) reflete o crescimento dos índices no nordeste e Brasil. Todavia, o êxodo rural, que vem apresentando taxas positivas nos últimos anos reflete diretamente no crescimento dos índices de analfabetismo no meio urbano. Já o analfabetismo rural apresenta taxas negativas no Estado (-4,65%), justificada pelo também ressaltado êxodo rural, aliado os impactos dos programas de transferência de renda, que impacta diretamente nos níveis educacionais, conforme indicam estudos recentes. Em síntese, os dados demonstram um esforço na erradicação do analfabetismo rural, que resultou na diminuição de uma posição do *ranking* nordestino, embora Alagoas, desde a pesquisa 2009, lidere o *ranking* de analfabetismo urbano.

A Pnad 2012 indica que a taxa de analfabetismo por gênero vem crescendo nos níveis regional e nacional. No Brasil, o acréscimo foi de 1,74% no gênero masculino e 0,04% no gênero feminino. Já o nordeste, as médias foram bem maiores: 0,44% para mulheres e 5,44% para homens.

Em relação ao analfabetismo por gênero, o Estado de Alagoas apresenta o maior número de mulheres analfabetas e a segunda colocação dos homens, mantendo a classificação desde 2008. A pesquisa mais recente indicou pequeno recuo no gênero feminino (-0,91%) e crescimento no gênero masculino (1,97%), um dos menores níveis dos estados nordestinos.

Quanto ao número de analfabetos por faixa etária (**tabela 01**), é também perceptível a diminuição no contingente de analfabetos, com destaque para os grupos de 15 a 19 anos, 30 a 39 anos e 60 anos ou mais. Em contrapartida, Alagoas ainda lidera o número de analfabetos em algumas faixas etárias, que provavelmente está relacionado a dinâmica demográfica do envelhecimento da população, que é apontada como uma das principais causas para a lentidão na diminuição da taxa de analfabetismo.

**Tabela 01. Taxa média de Analfabetismo por faixa etária em Alagoas (%)**

	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos ou mais
<b>2009</b>	5,54	6,76	14,56	22,4	31,58	38,52	60,47
<b>2011</b>	4,5	3,91	8,81	22,17	26,02	35,66	59,46
<b>2012</b>	3,83	4,60	10,23	20,48	26,82	45,57	52,24

Fonte: IBGE/PNADs. Dados tratados por SEPLANDE/SINC

De acordo com o Presidente do Instituto de Economia Aplicada (IPEA), Marcelo Neri, a interrupção da queda do analfabetismo, em 2012, pode estar relacionado com a maior expectativa de vida da população brasileira. "É difícil educar as pessoas mais velhas. É um desafio importante. O Brasil tem o 'Brasil Alfabetizado'. Desde o tempo do Mobral, é uma coisa difícil. É mais difícil quando a população pobre, analfabeta, começa a viver mais, o que é uma excelente notícia. Os pobres estão tendo um salto de anos de vida, de expectativa de vida. Antigamente, o analfabeto pobre morria mais cedo. Agora, vive mais. Fica ali pesando na estatística da taxa de analfabetismo", afirmou ele.

Na visão dos especialistas, o fato de a educação de jovens e adultos não ter recebido ainda a devida atenção por parte do poder público – seja em nível municipal,

estadual e federal – combinado a uma dinâmica demográfica de envelhecimento da população são apontadas como as prováveis causas para a lentidão na diminuição da taxa de analfabetismo.

Isso reflete nas taxas significativas de analfabetismo, sobretudo em Estados mais pobres, caso de Alagoas.